

SOBRE O CONCEITO DE COMPLEXO AFETIVO NA TEORIA DE CARL GUSTAV JUNG¹

Paulo Ferreira Bonfatti²

Aline Fátima de Souza³

Fabício da Silva Bilheiro⁴

Henrique de Oliveira Trindade⁵

Karoline Maria da Silva Giló⁶

Laura Santos Costa⁷

Pedro da Costa Fernandes⁸

RESUMO:

O presente trabalho é resultado das pesquisas efetuadas pelo Grupo de Estudos Junguianos do Centro Universitário Academia (UniAcademia). Esse Grupo vem funcionando há vários anos e é constituído atualmente por acadêmicos, egressos e profissionais não só do curso de graduação em psicologia dessa instituição de ensino superior como também de outras instituições de graduação e pós-graduação em nível de lato e stricto sensu. Apresenta-se como propósito desse artigo pesquisar, refletir e conceituar acerca das contribuições da psicologia junguiana no que tange à concepção da ideia de complexo afetivo proposto pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961). A metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório quanto ao conceito existente na obra de Jung e de outros profissionais e acadêmicos do mesmo referencial teórico. Neste trabalho, espera-se promover não só uma maior compreensão sobre a psicologia junguiana como também um aprofundamento mais apurado acerca dos aspectos históricos, conceituais e clínicos psicológicos de complexo afetivo.

Palavras-chave: Psicologia Junguiana. Psicologia analítica. Complexo afetivo. Clínica junguiana.

¹Esse artigo foi elaborado pelo Grupo de Estudos Junguianos que conta com o apoio do Centro de Extensão e Pesquisa do Centro Universitário Academia (UniAcademia)

²Doutor em Psicologia Clínica pela PUC-Rio, psicólogo, professor e coordenador do Grupo de Estudos Junguianos do Centro Universitário Academia (UniAcademia). E-mail: paulobonfatti@hotmail.com

³Membro do Grupo de Estudos Junguianos e discente de Psicologia do UniAcademia. E-mail: alielafs@hotmail.com

⁴Membro do Grupo de Estudos Junguianos e discente de Psicologia do UniAcademia. E-mail: fabriciobilheiro@hotmail.com

⁵Membro do Grupo de Estudos Junguianos e discente de Psicologia do UniAcademia. E-mail: h.otrindade@gmail.com

⁶Membro do Grupo de Estudos Junguianos e discente de Psicologia do UniAcademia. E-mail: karolinemarig@outlook.com

⁷Membro do Grupo de Estudos Junguianos e discente de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: costaalaura@gmail.com

⁸Mestre em Ciência das Religiões pela UFJF, mestre em Ecologia Comportamental pela UFJF, psicólogo e membro do Grupo de Estudos Junguianos. E-mail: pdacostaf@proton.me

ABOUT THE CONCEPT OF AFFECTIVE COMPLEX IN CARL GUSTAV JUNG'S THEORY

ABSTRACT:

The present work is the result of research carried out by the Jungian Studies Group of Centro Universitário Academia (UniAcademia). This Group has been operating for several years and is currently made up of academics, graduates and professionals not only from the undergraduate psychology course at this higher education institution, but also from other undergraduate and graduate institutions at the *lato* and *stricto sensu* level. The purpose of this article is to research, reflect and conceptualize about the contributions of Jungian psychology regarding the conception of the affective complex idea proposed by the Swiss psychiatrist Carl Gustav Jung (1875-1961). The methodology used was an exploratory bibliographical research regarding the existing concept in the work of Jung and other professionals and academics of the same theoretical framework. In this work, it is expected to promote not only a greater understanding of Jungian psychology, but also a more accurate deepening of the historical, conceptual and clinical psychological aspects of the affective complex.

Keywords: Jungian Psychology. Analytical Psychology. Affective complex. Jungian clinic.

1 INTRODUÇÃO

Carl Gustav Jung, filho mais velho do casal Paul Achilles Jung e Emilie Jung-Priswerk, nasceu no dia 26 de julho de 1875 na aldeia de Kesswill, situada às margens do Lago Constança na região nordeste da Suíça (HALL; NORDBY, 2005). Em 1879, Jung e sua família se mudaram para a região da Basileia devido a função de pastor protestante exercida por seu pai. Na época, tal localidade se apresentava como um dos principais centros culturais da Europa e foi nessa região que Jung realizou a maioria dos seus estudos, incluindo o curso de medicina (SILVEIRA, 1981).

Aos 25 anos de idade e agora como médico, Jung deixou a Basileia para assumir seu primeiro cargo profissional de segundo assistente no hospital Burghölzli, localizado na cidade de Zurique e destinado ao tratamento de doentes mentais (HALL; NORDBY, 2005). O diretor dessa instituição era Eugen Bleuler, renomado psiquiatra que atuava no desenvolvimento do então conceito de esquizofrenia e no avanço da forma de tratar os casos de psicose. Sob intensa atividade científica, Jung fez uma carreira significativa no hospital, trabalhando como pesquisador original e colaborador de Bleuler (SILVEIRA, 1981).

A principal atividade efetuada por Bleuler e Jung consistia no método

experimental das associações verbais, já que naquele momento havia o desejo de acrescentar à prática psiquiátrica uma base de caráter psicológico. Nesse experimento, o profissional organizava uma lista de palavras (chamadas de palavras indutoras) e solicitava à pessoa examinada que respondesse com a primeira palavra que lhe viesse à mente (palavras induzidas). O experimentador cronometrava não só o tempo de reação entre uma palavra e outra como também as possíveis reações fisiológicas que se apresentavam ao longo do teste (SILVEIRA, 1981).

Com o passar dos experimentos Jung observou que em todos os testes efetuados se faziam presentes determinadas perturbações, como, por exemplo, significativas variações nos tempos de reação (muito curtos ou muito longos), a repetição da palavra indutora, comportamentos físicos gerais e específicos (risos e gagueira) e dificuldade de lembrar determinadas respostas dadas. Jung, que havia lido a obra **A Interpretação dos Sonhos** escrito em 1900 por Sigmund Freud (1979), não ignorou esses incidentes à semelhança dos outros experimentadores da época e tornou-os foco da sua posterior atenção (SILVEIRA, 1981).

Foi assim que se observou que as perturbações observadas nos testes indicavam que as palavras indutoras pronunciadas tinham atingido conteúdos emocionais pertencentes ao inconsciente do sujeito em questão. Jung entendeu que eram conteúdos com forte carga afetiva chamando-os de complexos afetivos (SILVEIRA, 1981). Essas investigações deram origem aos primeiros trabalhos de Jung que se encontram no volume 3 de sua obra **Psicogênese das doenças mentais** (JUNG, 2013b): “A Psicologia da *Demência Precoce*: um ensaio” em 1907 e, em seguida, “O Conteúdo das Psicoses” de 1908.

Paralelamente ao processo de descoberta dos complexos afetivos, Jung acompanhava o trabalho exercido por Sigmund Freud, sendo que no ano de 1907 deu-se o início da estreita colaboração pessoal e profissional entre os dois (HALL; NORDBY, 2005). No entanto, tal relacionamento se encerrou cinco anos depois mediante a publicação da obra **Metamorfoses e Símbolos da Libido** publicado em 1912 que depois foi revisto com o título **Símbolos da transformação** (JUNG, 1986), a qual marcava divergências teóricas que separavam, de maneira profunda e intransponível, Jung e Freud (SILVEIRA, 1981). Cumpre dizer, todavia, que essa publicação foi a causa final de divergências teóricas já existentes entre ambos, antes mesmo de se encontrarem (JUNG, 2013b), mas que ficaram insustentáveis.

A partir desse rompimento, Jung iniciou o processo de construir sua própria

teoria psicológica, posteriormente denominada de Psicologia Analítica, dedicando-se por toda sua vida à investigação e à exposição das suas ideias (RAMOS, 2002). Dessa maneira, os complexos afetivos descobertos durante os testes de associação de palavras se tornaram um dos inúmeros conceitos desenvolvidos por Jung ao longo do seu processo criativo de exploração da psique humana como a ideia do inconsciente coletivo e dos arquétipos, por exemplo.

Considerando a importância histórica e teórica dos complexos afetivos para a psicologia analítica, o presente artigo objetiva discorrer em mais detalhes acerca desse conceito e da sua aplicação no ambiente clínico. Para tal, utilizou-se como metodologia uma pesquisa bibliográfica exploratória, com a investigação do conceito na obra junguiana e de demais autores do mesmo referencial teórico. Tal pesquisa foi efetuada pelo Grupo de Estudos Junguianos, sob coordenação do professor Paulo Bonfatti-

2 SOBRE O CONCEITO DE COMPLEXO AFETIVO

Em uma aula inaugural, na Escola Politécnica Federal de Zurique em 1934, Jung proferiu sobre a “Considerações gerais sobre a teoria dos complexos” (JUNG, 2013a), iniciando sua reflexão acerca do pensamento de que é mais fácil a ideia de falar do método utilizado à análise do objeto de estudo da psicologia moderna do que falar, propriamente, de seu objeto (psique). Visto que, este é de grande complexidade, sendo acessível, parcialmente, através de grandezas pré-estabelecidas, segundo métodos utilizados pela ciência natural.

Mesmo assim, corre-se o risco de acontecer o que se denomina de “[...] situação da experiência” (JUNG, 2013a, p. 40), ou seja, certo tipo de condicionamento que pode modificar a atitude do sujeito no contexto da experiência. Por exemplo: o fato de falar à pessoa que ela vai participar de um teste psicológico, por si só, já contribui para alterar o seu comportamento. Um nervosismo, mãos trêmulas, sudorese, comportar-se de modo diferente de seu habitual, etc.

Porém, quando Jung (2013a) realiza seu teste de associação descobre que mesmo que ocorram “falhas de reação” estas, na verdade, são o que o inconsciente do indivíduo trouxe à cena; aquilo que Jung denominou de “complexos de tonalidade afetiva” (JUNG, 2013a). Deduziu-se que não há limites explícitos neste tipo de experiência, em comparação àquelas de nível psicofisiológico, que tem sua base

demarcada em mecanismos sensoriais. O que significa que este campo de difícil compreensão da psique, que não tem padrão específico de funcionamento, pode vir a ser acionado ou constelado de forma autônoma. “Esses conteúdos constelados são determinados complexos que possuem energia específica própria” (JUNG, 2013a, p. 41).

Como apontado acima, a experiência de associação consiste num exercício, entre duas pessoas, em que uma pessoa fala determinada palavra-estímulo, e após, aguarda a reação da outra pessoa com apenas uma palavra-resposta. Observa-se o fenômeno ocorrido com aquele indivíduo que responde/reage a este estímulo. Certas associações podem constelar complexos, levando o testando a ter reações diversas, como, por exemplo, falhas de memória e reações fisiológicas (JUNG, 2013a) apontando assim, a existência de um complexo afetivo a partir da palavra-estímulo.

Mas,

O que é, portanto, cientificamente falando, um “complexo afetivo”? É a imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional e, além disso, incompatível com as disposições ou atitude habitual da consciência. Esta imagem é dotada de poderosa coerência interior e tem sua totalidade própria e goza de um grau relativamente elevado de *autonomia*, vale dizer: está sujeita ao controle das disposições da consciência até um certo limite e, por isto, comporta-se, na esfera do consciente, como um *corpus alienum* (corpo estranho), animado de vida própria (JUNG, 2013a, p. 43, grifo do autor).

Ou seja, complexos são conteúdos afetivos imagéticos, com forte carga energética, que podem ser constelados por qualquer tipo de situação afetiva significativa experienciada. Podendo agir por determinado intervalo de tempo, por alguns minutos ou vindo a durar semanas ou ficar atuando autônoma e psiquicamente fora do campo da consciência. Desta forma, a consciência do indivíduo (eu) fica refém da diversidade que este conteúdo carrega em si mesmo.

Nesta perspectiva, mesmo Jung tendo construído seu próprio caminho e compreensão acerca dos complexos, pode-se dizer que teve influências nesse percurso de Bleuler, Pierre Janet e Theodore Flournoy e, até mesmo Freud (JUNG, 2010).

No ano de 1905, Jung trabalhava como assistente chefe no hospital Burghölzli e nesse período recebeu uma jovem histérica de 24 anos com histórico de osteomalácia na família, sendo essa a única possível patologia hereditária. A paciente relata a Jung que tinha alucinações com figuras brancas e pretas e era essa uma das

maiores motivações para buscar ajuda nesse hospital. Além disso, a jovem conta que foi no segundo ano de escola que começou os espasmos que antecederam sua histeria (JUNG, 2012).

A paciente também era acometida da dança de São Guido (distúrbio do sistema nervoso central) e suas crises se manifestavam em tiques e ataques que duravam de 1 a 2 minutos (JUNG, 2012). Nesse período, a paciente se debatia e gritava. Suas crises ocorriam de 15 a 20 vezes por dia e só cessaram com sua primeira menstruação aos 15 anos. No entanto, o sono da paciente era afetado por um calor excessivo na cabeça que se intensificava no período menstrual e esse quadro ia se agravando com o passar dos anos, levando a paciente a se refugiar em lugares com a temperatura amena. A jovem se imagina enchendo bacias de sangue que jorram das suas narinas, inclusive essa imagem permeia seus sonhos. Em sua descrição diz que:

Também sonho sempre com sangue. Às vezes sonho que estou nadando em sangue, que o quarto todo está cheio de sangue ou que o sangue esguicha de meu nariz, boca, olhos e ouvidos. Muitas vezes sonho também com fogo, aí está tudo em chamas (JUNG, 2012, p. 402).

No período que a paciente esteve com Jung de 01/10/1905 a 21/12/1905, ele realizou o teste de associação de palavras a fim de ampliar sua compreensão sobre o quadro histórico de sua paciente. Na aplicação e controle da sequência de palavras indutoras, observava-se que a paciente era invadida por uma carga afetiva associada à palavra estímulo. Cumpre dizer que, segundo Jung (2012), o complexo se comporta de forma mais ou menos autônoma, ou seja, independente da vontade da paciente. De acordo ainda com esse autor:

O experimento que utilizo em geral se constitui de 100 palavras estímulo, selecionadas e ordenadas cuidadosamente; serve de orientação para se aferir os conteúdos psíquicos de um paciente e seu modo de reagir (JUNG, 2012, p. 655).

Foi devido a perturbação psicofísica associada à palavra indutora que se tornou possível provar empiricamente a existência dos complexos associada ao estímulo-palavra. Dessa forma, o complexo desfruta de uma autonomia relativa à consciência e pode se colocar em paralelo ao complexo do eu, uma vez que este último “[...] nada mais é psicologicamente do que um complexo de ideias, mantido coeso e fixo pelos sentimentos cenestésicos” (JUNG, 2012, p. 658), a relativa hierarquia dos complexos se dá de acordo com os sentimentos “cenestésicos”. Assim, o complexo do eu pode ser subjugado dando “controle” ao complexo secundário evidente em delírios

históricos o qual Jung (2012) se refere como “possessão” do complexo que se impõe de forma autônoma ao complexo do eu.

Hoje em dia todo mundo sabe que as pessoas “têm complexos”. Mas o que não é bem conhecido e, embora teoricamente seja de maior importância, é que os complexos podem nos ter (JUNG, 2013a, p.43).

Jung (2013b) por meio da experiência com associação de palavras observou a existência do complexo de ideias carregadas emocionalmente demonstrando que o elemento que mantém o complexo unido é o tom emocional, que por sua vez, com uma só palavra é capaz de tocar uma ferida contida no fundo da psique. Não se trata, porém, de palavras mágicas capazes de perturbar o comportamento, mas sim de ideias que ao se associarem ao afeto passam a carregar e mobilizar em si significativa carga afetiva. Isto é, experiências significantes adquirindo a importância de um complexo, que por sua vez ganha autonomia, e passa a atuar sobre a vida do indivíduo através de emoções e sentimentos. Do contrário seriam apenas ideias vazias, conceitos submetidos ao arbitrário.

O experimento não foi realizado para reduzir a psique a meras testagens psicológicas e sim considerar os dados ordinariamente importantes da vida emocional (JUNG, 2013b). Bem mais que isso, o objetivo do trabalho do Jung se baseia em analisar como a consciência reage sob efeito do complexo, tornando possível uma análise significativa dos processos mentais inconscientes (MOURA, 2022). Segundo Kast (2019), toda e qualquer vivência está vinculada a emoção. As lembranças, por exemplo, só se tornam importantes devido a sua experiência afetiva, o mesmo ocorre do contrário, quando a experiência não afeta o sujeito não cumpre sua função de “orientar”. Morschitzky e Sator (2022, p. 13) dizem que “[...] na palavra emoção encontra-se contida a palavra *motio*, que significa movimento.”

Quando Jung (2011) observa empiricamente a existência dos complexos por meio das associações e conclui que existem associações consteladas em segundo plano, ele caracteriza o elemento nuclear do complexo em dois elementos constitutivos. O primeiro, determinado pela experiência do ambiente que o cerca, como fatos vividos e experiência de vida; e o segundo, uma condição imanente de característica individual.

Segundo Jung (2012), a influência do complexo sobre o comportamento e o pensamento se denomina *constelação*, que é a adesão de um indivíduo a reagir de forma predefinida, ou seja, a influência psicológica exercida sobre indivíduos que pode

ocorrer a partir das experiências com o meio como, por exemplo, por sua pertença familiar. Uma aluna de Jung, Dra. Emma Fürst, demonstra factualmente a constelação familiar dos complexos ao realizar um experimento em membros de 24 famílias, com 100 pessoas experimentais, resultando em 22.000 associações correspondentes. O experimento consiste em testes de associação de palavras derivado do trabalho de seu professor. O experimento consistia em identificar complexos afetivos em membros da mesma família (JUNG, 2012).

O experimento apontou que há uma menor diferença entre membros do mesmo sexo. No estudo, foi demonstrado que filha e mãe possuíam maior semelhança associativa, tanto no modo de pensar, quanto no de se expressar nas ideias correspondentes - a notória semelhança aponta inclusive que ambas utilizam as mesmas palavras. Assim, observou-se que existe similaridade nos padrões de resposta entre membros da mesma família, demonstrando que o inconsciente está submetido a regras e leis do ambiente e passível de ser constelado pela família (JUNG, 2012).

Segundo Kast (2022), essa constelação familiar⁹ pode ser vista como "nódulos afetivos" que permanecem intrínsecos ao modo de agir e ver o mundo, provocando alienação e distorções, razão pela qual os indivíduos vivem identificações danosas nas quais não se desvincula psicologicamente de sua dinâmica familiar. Mas também são disposições que determinam habilidades e estimulam o desenvolvimento.

Jung (2012), ao analisar o caso de uma das pacientes do experimento de Fürst, percebe que mãe e filha respondiam de forma similar à avaliação feita, evidenciando que os complexos eram comuns tanto à mãe quanto à filha. A mãe, uma senhora de 45 anos em um casamento frustrado, onde o marido é ausente e tem problemas com álcool, e a filha de 16 anos, que tende a repetir os mesmos comportamentos que a mãe, reagindo ao mundo como uma matriarca sofredora e carente. Jung ainda afirma que, se um dia a filha se separar dos pais, tende a continuar perpetuando o mesmo padrão de comportamento que a mãe, aumentando a possibilidade de também ser vítima de um casamento frustrado com alguém adicto.

Para Jung (2012), relações destrutivas e patológicas entre pais provocam nos filhos uma alta carga afetiva, dado que a criança reproduz as expressões dos pais, ou seja, assimila até a linguagem inconsciente de seus progenitores carregando os traços

⁹ Cumpre dizer que o conceito "Constelação familiar" utilizado e descrito por Jung no início do século XX não tem ligação com criado por Bert Hellinger e utilizado contemporaneamente.

da personalidade dos pais. Mesmo que na adolescência os jovens tendem a se afastar ao máximo da imagem dos pais, esta imagem sempre estará vinculada aos filhos. Nesse sentido, Jung (2012) conta o caso de um jovem paciente que fez de tudo para se afastar da imagem de seus progenitores, no entanto sempre rememora com carinho suas lembranças vividas sob proteção dos pais:

Lembro-me do caso de um jovem neurótico que fugiu da casa dos pais, tornou-se estranho e quase hostil a eles. Contou-me, porém, que tinha um sacrário, isto é, uma caixinha onde guardava seus livros da infância, flores velhas e secas, garrafinhas com água do poço de sua casa, pedras de um rio perto do qual fora passear com os pais quando criança (JUNG, 2012, p. 524).

Jung (2012) traz ainda o caso de uma paciente cujo pai alienou-se da família quando ainda era jovem e transferiu seu amor do pai a um irmão 8 anos mais velho que fora acometido por doença mental. Seu último relacionamento fora com um sujeito com deficiência intelectual, já que a paciente diz que fora casada com um homem que estivera internado em uma clínica psiquiátrica. Segundo Jung, sua paciente dificilmente poderia se libertar desse padrão, sendo inegável a influência da constelação familiar, a qual levou o sujeito a escolhas infelizes e relacionamentos desastrosos, mas também a escolhas felizes e decisões profissionais assertivas.

Em suas pesquisas, Jung encontra, talvez, uma possível intersecção no princípio que rege os *complexos* e a *personalidade fragmentária*: em ambos os casos a consciência é tomada por uma força capaz de possuí-la e fazer a pessoa assumir posturas totalmente inadequadas à sua personalidade, como, por exemplo, cometer atos falhos conforme Freud já havia apontado (JUNG, 2013a).

Os complexos podem surgir também personificados em sonhos, através de pessoas comuns ou personagens de histórias comuns às fantasias da humanidade (JUNG, 2013a). A origem de um complexo pode estar situada em “[...] um trauma [ou] um choque emocional” (JUNG, 2013a, p. 45), um conflito moral que ainda não pôde ser assimilado. O fato de estar inconsciente a este conflito, torna o complexo mais autônomo. Vindo, inclusive, poder identificar-se com a consciência do eu, isto é, como se a pessoa estivesse possuída por algo, em casos mais extremos. Ou também, num grau mais ameno, é como se uma pessoa fizesse algo completamente absurdo, fugindo de seus padrões comuns de comportamento.

Por isso, Jung traz uma grande contribuição ao campo da psicologia, por conta da descoberta dos complexos ao comprovar:

[...] que as dores sem fundamento orgânico, isto é, consideradas imaginárias, causam-nos sofrimento tanto quanto as verdadeiras, e que a fobia de uma doença não revela a mínima tendência a desaparecer, ainda que o próprio doente, o médico e, para completar, o uso da linguagem assegurem que ela mais não é do que mera imaginação (JUNG, 2013a, p. 46).

Na clínica contemporânea, pode-se observar a atuação destes complexos nas diversas dores psíquicas que causam grande sofrimento e podem ser compreendidas à luz do conceito de complexo. Isto é, falar sobre uma fobia ou uma ansiedade, ditas “imaginárias”, ajuda a diminuir as dores orgânicas, e, principalmente, a angústia que advém deste cenário real ao analisando, mas quando um complexo não é assimilado, resulta numa “[...] dissociação neurótica da personalidade” (JUNG, 2013a, p. 47). Logo, o sofrimento existe e deve ser levado em consideração. Caso contrário a consciência do eu identifica-se com o complexo.

Em outras palavras, ninguém está livre de ser tomado por um complexo. Pelo contrário, quanto mais certeza se tem de sua “normalidade”, talvez mais próximo de uma neurose se possa estar. Isso, é claro, irá depender do contexto em que se vive, ou melhor, do quanto este contexto esteja adoecido e o quanto este indivíduo se identifica com este panorama. Mesmo assim, não se pode fazer juízo de valor dos complexos, pois são intrínsecos à humanidade. Sem eles, talvez não tivéssemos a oportunidade de vislumbrar nossa psique através das fantasias e sonhos, pois “[...] os complexos não são totalmente de natureza mórbida, mas manifestações vitais próprias da psique” (JUNG, 2013a, p. 48).

Em razão disso, há que se lembrar da própria “equação pessoal do observador” (JUNG, 2013a, p. 50). Jacobi corrobora com essa visão, ao afirmar que o complexo:

[...] representa aquele fenômeno peculiar da vida da psique que constitui sua estrutura; ou seja, que ele é em si uma parte saudável da psique. O que provém do inconsciente coletivo jamais é material “doentio”; só pode ser doentio aquilo que vem do inconsciente pessoal, onde adquire aquela transformação e coloração específicas ao ser incluído numa esfera de conflito individual. (JACOBI, 2017, p.37)

Ninguém está livre dos complexos, nem a psique do interlocutor e nem a do pesquisador. Assim, o objeto de estudo da psicologia torna-se multifacetado, enigmático. Ainda hoje, esta matéria sempre requer apreciação cautelosa. Até o presente, existe o preconceito no que tange às doenças psíquicas. O medo faz as pessoas se esquivarem de buscar o conhecimento acerca do outro. Somente quando este ‘mal’ me atinge, é que eu necessito buscar ajuda e, com esta, a informação. “Por

isto, sinto-me antes inclinado a admitir que os complexos autônomos se contam entre os fenômenos normais da vida e determinam a estrutura da psique inconsciente” (JUNG, 2013a, p. 52). O que estamos a estudar até hoje.

2.1 UMA ANÁLISE DOS COMPLEXOS SEGUNDO OS FUNDAMENTOS PSICOLÓGICOS DA CRENÇA NOS ESPÍRITOS

Em uma conferência realizada na *British Society for Psychical Research*, em Londres, julho de 1919, Jung abordou o tema dos complexos para falar sobre “Os fundamentos psicológicos da crença nos espíritos” cujo texto foi publicado no livro **A natureza da psique** (JUNG, 2013a).

A crença nos espíritos é ponto comum entre muitos povos e religiosos. Nesta ideia, tem-se a convicção de que as pessoas sofrem forte influência de seres invisíveis. Inclusive, Jung relata que fazem parte desta mesma aceção, desde os “[...] povos altamente civilizados [até] os aborígenes australianos que ainda vivem na idade da pedra” (JUNG, 2013a, p. 254). Esta ideia, assim como ideias metafísicas são completamente rechaçadas pelos adeptos do Iluminismo e Racionalismo.

Mesmo assim, muitas pessoas continuavam acreditando nesta ideia; até mesmo em magia. Por conseguinte, os pesquisadores foram em busca de uma resposta, e chamou a atenção a possibilidade de compreender essas manifestações e crenças como “[...] fenômenos de origem psíquica” (JUNG, 2013a, p. 255).

Ao se debruçar nos estudos dessa crença em comum com povos mais antigos (ditos primitivos), Jung aponta que é uma perspectiva “[...] contra a visão do materialismo do mundo” (JUNG, 2013a, p. 255). Além disso, estes povos acabam vivendo em duas realidades: a de um mundo físico e a de um mundo espiritual. Isto também é algo que se reflete de forma degenerativa em suas vidas, principalmente, porque quanto mais se aproximavam da dita civilização, mais se perdiam da sua espiritualidade genuína. Então, não é possível estar neste mundo físico e não sofrer as influências deste aspecto material (JUNG, 2013a).

Exemplarmente, Jung aponta que o cristianismo, por ser uma forma religiosa mais complexa, exige uma psique desenvolvida. Como os povos primitivos se ocuparam muito mais desses fenômenos psíquicos, obviamente, são mais frequentes de ocorrerem com eles do que com o povo europeu. No entanto, se um europeu buscar a mesma experiência espiritual, também irá vivenciar algo similarmente

enigmático. A diferença entre eles será o olhar singularizado (JUNG, 2013a).

Dentro de um viés compreensivo psicológico, Jung (JUNG, 2013a) observa que um dos principais acessos a estas experiências ditas espirituais são os sonhos. Para o sonhador, o fato de sonhar com um ente querido, que já falecera, é uma prova cabível de contato com os espíritos dentro de sua lógica psíquica. Um outro modo seria “[...] as doenças psicógenas, os distúrbios nervosos [de] natureza histérica” (JUNG, 2013a, p. 257). Ou seja, questões de fundo subjetivo que advém de conflitos psíquicos com os parentes, vivos ou mortos (JUNG, 2013a).

Com isso, aqueles indivíduos que tinham sintomas positivos da esquizofrenia (alucinações e delírios) eram considerados, como “[...] possuídos por espíritos maus” (JUNG, 2013a, p. 258). Logo, havia uma relação direta, para aquelas pessoas, entre “[...] doenças mentais [e] gênese da crença nos espíritos” (JUNG, 2013a, p. 258). E mais, “[...] o espírito do morto é apenas uma das várias almas que o indivíduo tinha quando em vida. É, portanto, apenas uma parte da alma total, por assim dizer apenas um fragmento psíquico” (JUNG, 2013a, p. 258).

Jung, ao dar maior ênfase ao sonho como forma de acesso à crença nos espíritos, estabelece uma importante diferença entre o “[...] estado de vigília [e] o estado hípico” (JUNG, 2013a, p. 260): no primeiro há, supostamente, maior preponderância da consciência; já no segundo estado, a ênfase recai sobre o papel do “[...] eu onírico” (JUNG, 2013a, p. 259), que, resumidamente, seriam situações idiossincráticas totalmente inexplicáveis; mas também, situações vividas pela psique do indivíduo (complexo do eu) quando acordado, que muitas vezes, advém dos conteúdos oníricos, sob outras formas e aspectos, de origem inconsciente e que são de extrema importância à psique do sonhador.

Jacobi (2017) indica que, no sujeito que lida com um complexo que se apodera do Eu, o que diferencia uma neurose de uma psicose seria a capacidade da consciência em lidar com o ocorrido. Porém, é possível afirmar que o complexo também possui uma qualidade de semente criativa.

Mesmo em estado de vigília alguns indivíduos passam por experiências mais específicas, como o fato de ver e ouvir algo além daquilo que advém de sua própria consciência. “O mesmo fenômeno se verifica nos distúrbios mentais” (JUNG, 2013a, p. 260). Ainda que na psique do ser humano exista diversas partes independentes e não conectadas ao eu, Jung afirma que a psique representa uma totalidade.

A estas partes da alma chamei de complexos autônomos e fundei minha teoria dos complexos da psique sobre a sua existência. Segundo esta teoria, o complexo do eu forma o centro característico de nossa psique. Mas é apenas um dentre vários complexos. Os outros complexos aparecem associados, mais ou menos frequentemente, ao complexo do eu, e deste modo se tornam conscientes, mas podem existir também por um longo período de tempo sem se associarem ao eu (JUNG, 2013a, p. 260).

Nesse sentido, a conversão de Saulo em Paulo, o apóstolo do Cristo, é exemplo deste processo, do ponto de vista psicológico. Saulo estava tomado por um complexo de Cristo, ou seja, estava inconsciente desta ideia que já possuía há muito tempo. Jung explica isso em virtude do ódio fanático que Saulo sentia pelos cristãos. E quando essa energia vem à tona, em forma de emoção, ele fica cego na estrada de Damasco. Cristo é projetado a Saulo, que até então não se via como cristão. Quando Cristo se associa ao eu de Saulo, então este passa a ser um novo homem: Paulo (JUNG, 2013a).

O fato de Jung enfatizar a observação de fenômenos psíquicos nas três fontes: “[...] aparição de espíritos, os sonhos e os distúrbios patológicos” (JUNG, 2013a, p. 576), seria para reforçar a ideia de que, nos conteúdos advindos destas fontes, estão presentes os complexos autônomos: complexos inconscientes que se manifestam por projeções - vide o exemplo da conversão de Paulo. E, no campo da convivência habitual das pessoas em geral, traz a reflexão da problemática do ser humano ao desconhecer a si próprio (sua personalidade); nisso inclui-se as próprias imaginações e fantasias que são projetadas, inconscientemente, no outro, trazendo à tona questões de cunho moral (JUNG, 2013a).

Jung define seu ponto de vista sobre o tema, reforçando que não se trata, em hipótese alguma, de uma solução às questões metafísicas. Afirma que a psicologia se ocupa com os assuntos ligados a forma como as pessoas imaginam. Irá sintetizar seu argumento, em relação a idiosincrasia dos povos primitivos, de que tanto a *crença em espírito* como a *crença em alma*, tratam de aspectos relevantes na fenomenologia psíquica. Enquanto aquela primeira acredita ser necessário que se distancie da base do eu, esta, por outro lado, traz à tona a possibilidade de uma grave patologia devido à sua perda e distanciamento do eu.

[O] eu vê os complexos das almas como formando parte de si próprio, e a perda da alma como patológica, ao contrário dos complexos dos espíritos, cuja ligação com o eu provoca a doença, e sua dissociação o restabelecimento (JUNG, 2013a, p. 263).

Perda da alma e possessão por espíritos são considerados doenças para os primitivos. Logo, há “complexos das almas, e [...] os complexos dos espíritos” (JUNG, 2013a, p. 263).

Outro aspecto que é preciso analisar é a dinâmica da psique. Ao abordar o conceito de inconsciente pessoal – campo da psique em que se encontram as situações vividas e esquecidas (reprimidas) de uma vida, que já não alcançam a consciência – o autor destaca a relação entre o consciente e inconsciente, no sentido de alertar a condição de diferenciação como “atitude ideal” (JUNG, 2013a, p. 264) para o funcionamento da psique. Dessa forma oferece-nos como exemplo o funcionamento do par pensamento-sentimento.¹⁰

Se, como acontece quase sempre com o indivíduo diferenciado, uma função, como, por exemplo, o pensamento, acha-se particularmente desenvolvida e, deste modo, domina a consciência, o sentimento é relegado ao segundo plano e em grande parte mergulha no inconsciente (JUNG, 2013a, p. 264).

Já o inconsciente coletivo é formado de conteúdos advindos da história da humanidade, e, por isso, “[...] são produtos de formas inatas e dos instintos” (JUNG, 2013a, p. 264). Estes podem ser vistos através de representações mitológicas oníricas, e também, nos casos de sintomatologia da esquizofrenia.

Tanto no inconsciente pessoal como no coletivo há a presença de complexos na formação da psique. A questão é: quais as particularidades de cada campo? No campo individual é válido pensar naqueles conteúdos que fizeram parte da história de vida do sujeito; quer dizer, um dia estiveram conectados à consciência do eu e foram reprimidos e que talvez possam vir a emergir quando estiverem num processo terapêutico. Já no campo coletivo, quando se trata da constelação de um complexo advindo da camada impessoal, este conteúdo traz um estado de mistério como algo de “numinoso”¹¹ (JUNG, 2013a, p. 51)

Fazendo-se uma analogia com a explanação da crença nos espíritos e da crença das almas, poderia ser entendido como, as “[...] almas dos primitivos

¹⁰ Esta menção refere-se a ideia desenvolvida por Jung acerca dos **Tipos Psicológicos** (JUNG, 2013c). Há quatro funções da consciência que atuam no desenvolvimento da personalidade de cada indivíduo desde o nascimento, que são subdivididas em dois pares: funções racionais (pensamento e sentimento) e as funções irracionais (intuição e sensação).

¹¹ De acordo com Pieri, o termo numinoso “[...] ocorre na psicologia analítica como sinônimo de *fascinosum* para indicar o caráter com que uma coisa, cujo sentido é ignorado ou ainda não conhecido, se transforma em força que fascina a consciência do sujeito” (PIERI, 2002, p. 347). O caráter de numinosidade, em geral, está ligado à experiência que a consciência tem do inconsciente.

correspondem aos complexos autônomos do inconsciente pessoal e os espíritos aos complexos do inconsciente coletivo, [quer dizer], são complexos psíquicos” (JUNG, 2013a, p. 266). Logo, são aqueles complexos que Jung verificou através do experimento de Associação de Palavras (JUNG, 2012).

Os complexos têm especificidades, que em suma, afetam a consciência do eu, justificando assim, sua autonomia. “Eles provocam não só as perturbações das reações, mas também os sintomas” (JUNG, 2013a, p. 267).

Sua origem pode estar relacionada a experiências que deixaram uma forte impressão emocional gerando sofrimento psíquico; ou também, a aspectos de que tratam do coletivo, e, por isso, são, na maioria das vezes, incompreensíveis. Jung (2013a) chama a atenção para estados que podem afetar grupos inteiros de pessoas causado por mudanças de âmbito abrangente. Isso também influencia a psique destas pessoas, bem como suas atitudes perante o fato em comum.

De hábito, as mudanças profundas na história são atribuídas exclusivamente a causas exteriores. Contudo, estou convencido de que as circunstâncias exteriores frequentemente são por assim dizer meras ocasiões para que se manifeste uma nova atitude perante a vida e o mundo, preparada inconscientemente desde longa data (JUNG, 2013a, p. 268).

Podem acontecer duas consequências advindas desta ativação do inconsciente coletivo: a) o inconsciente se tornar realidade, o que significa um estado doentio; b) pode se ter “um efeito redutor” (JUNG, 2013a, p. 269), apesar de desgastante, há uma compreensão desse processo, conscientemente, mesmo que o povo possa canalizar esta energia em alguma ideia perigosa, assim como aconteceu com a Segunda Guerra Mundial (JUNG, 2013a).

Ou então, pode ocorrer algo novo, acerca desta fonte energética, em que foi dado voz ao inconsciente do povo e disseminou a nova religião, como ocorreu no milagre de Pentecostes (JUNG, 2013a). De um jeito ou de outro haverá mudanças no coletivo, não há como escapar. Talvez se as pessoas tivessem a possibilidade de ponderar sobre sua própria diferenciação, ou seja, refletir sobre o seu papel em meio ao contexto em que se vive e também sobre si mesmo nessa mesma circunstância.

Jung (JUNG, 2013a) nos mostra que fez o máximo que pôde em suas pesquisas, e com o universo que estava colocado à sua disposição. Mesmo assim, o iluminismo veio como forma de dissipar, no povo ocidental civilizado, qualquer idiosincrasia oriunda destes povos primitivos ligada às crenças dos espíritos. Perdeu-

se muito no aspecto fenomenológico deste tema, e com isso, a própria ciência deixa de usufruir destas ideias. “Contudo, cheguei à convicção pessoal de que os fantasmas são realmente fatos psíquicos que se manifestam em sonhos, mas dos quais a nossa ‘sabedoria acadêmica’ se recusa a tomar conhecimento.” (JUNG, 2013a, p. 270).

Pode-se inclusive pesquisar em quais faculdades de medicina que se tenham disciplinas de cunho psicológico e religioso. Até mesmo, nas faculdades de Psicologia, que abordam sobre o tema religião. Nesta hora é preciso lembrar que o paciente ou analisando, tem sua própria história de vida (suas influências) e o seu saber deve ser respeitado. Jung demonstra sua flexibilidade em relação às novas ideias e questões sem respostas no mundo científico. Não existe apenas a ciência e seu intelecto. Há que se investigar, analisar e refletir sobre todas as funções psíquicas, e para além da psicologia, outras matérias como, por exemplo, a física nuclear (JUNG, 2013a).

2.2 ANÁLISE DA TEORIA DOS COMPLEXOS E SUA APLICAÇÃO CLÍNICA

Dessa forma, podemos deduzir que os complexos se definem como centros de energia com acento afetivo, a partir dos quais se organizam imaginações, sequências de imagens, fantasias e símbolos. Eles se manifestam enquanto grandes expressões temáticas e simbólicas da vida, eles próprios não sendo evidentes – a parte passível de experiência é aquela que surge na forma de imagens, emoções e modos de comportamento.

Eventos carregados de afeto, por sua vez, tendem a produzir complexos. Não somente aqueles traumáticos, mas também aqueles recorrentes e frequentes. Situações que levantem significações próximas àquelas emoções associadas ao complexo podem constelar o conteúdo inconsciente associado a um complexo, trazendo à tona percepções, comportamentos e emoções estereotipadas, autônomas até que sejam incorporadas à vida consciente. Apesar da aparência arcana do conceito, trata-se de um fenômeno simples, melhor compreendido quando lembrarmos que o Eu é também considerado um complexo. Todas aquelas ideias associadas à identidade pessoal, ao modo de se expressar e como desejamos ser percebidos no mundo faz parte do que se chama por “complexo do eu” (KAST, 1997, p. 41-43).

Dessa maneira, referendando-se em Jung, Jacobi aponta que:

[...] cada complexo consiste primariamente em um “elemento central”, um “portador de significado”, que, subtraindo-se à vontade consciente, é inconsciente e incontrolável, e, secundariamente, em uma série de associações a ele ligadas, que se originam, em parte, da disposição pessoal original e, em parte, das vivências do indivíduo condicionadas pelo ambiente (JACOBI, 2017, p.18).

Experiências marcantes produzirão chaves de significação temática com carga afetiva, e assim o complexo se manifesta como uma tendência de leitura viciada dos fenômenos e relações vividas. Em outras palavras, o indivíduo se prepara constantemente para reviver um evento de importância formativa de sua personalidade. À suspeita da presença de determinada chave de leitura a respeito daquilo que é vivenciado, segue-se a projeção (KAST, 1997).

Por exemplo, o indivíduo que constantemente teme ser desprezado, reproduzindo mentalmente uma vivência do tipo a partir de sua infância, em que pode ter sido diminuído por seus pares, tende a projetar essa relação, ainda que esta não esteja presente – ao ponto até mesmo de sugerir às pessoas que assim se relacionem com ele. Dessa forma, quando jogamos luz sobre essa abordagem conceitual, podemos compreender a ideia da compulsão à repetição como a constelação de um mesmo complexo repetidas vezes. (KAST, 1997).

Uma vez que complexos podem ser entendidos como centros organizadores de afetos e significações (por meio de símbolos), e o complexo do Eu é aquele que ordena as noções de identidade, a ideia apresentada por Kast (1997, p. 46) de que “[...] em estados muito fortes de excitação, não podemos mais supor que temos complexos, mas sim que eles nos têm” deve ser compreendida como a reiteração de que os complexos servem como forças razoavelmente autônomas da psique, capazes de sobrepujar a relevância do Eu em situações limítrofes.

Descrito de outro modo, podemos dizer que organizamos nossas reações e conceituações em volta deste centro ordenador da identidade, o Eu, com o qual agimos de modo razoavelmente consciente. Em casos de algum evento de grande impacto afetivo ativar outro complexo, este tende a emergir como uma entidade autônoma da personalidade. A própria neurose pode ser caracterizada, em psicologia analítica, por um complexo excessivamente fortalecido que arrasta o complexo do Eu sob sua influência. Portanto, tomar consciência de seus próprios complexos e das ocasiões em que um complexo é constelado constitui uma das melhores formas de neutralizar seus efeitos destituidores de autonomia (KAST, 1997).

Ao contrário do que se pode imaginar, dada a descrição de seus efeitos mais nefastos, os complexos não são compostos tão somente de conteúdo psíquico reprimido ou recalçado, mas também de conteúdo psíquico inconsciente que ainda não pôde ser incorporado ao complexo do Eu, e a relevância de um dado complexo será determinada pela carga afetiva que a ele é disponibilizada. Uma vez que todas as experiências carregadas de afeto podem produzir complexos, experiências e aspectos positivos também figuram como possibilidades constitutivas destes. Os complexos “[...] só nos prejudicam quando a expectativa e a experiência divergem muito” (KAST, 1997, p. 60).

Apesar dos complexos se manifestarem de forma autônoma, toda a energia contida neles pertence, em última instância, ao próprio indivíduo que os constela. Nesse sentido, uma pessoa jovem dificilmente se preocupa com a aproximação da morte da mesma maneira que uma pessoa de meia-idade ou idosa se preocupa, por exemplo. Depreende-se daí que o complexo é, além de uma estrutura responsiva ao meio quando temática e simbolicamente relevante, um importante centro adaptativo que condensa a energia psíquica e a aplica quando sente-se relevante, não somente por meio da projeção, mas também da identificação direta do sujeito com o conteúdo constelado (KAST, 1997).

O complexo sempre surge de forma dialética, com a demanda de adaptação pelo mundo não correspondida pelo sujeito. É possível atribuir à maioria dos complexos uma dicotomia, que surge na vida psíquica como projeção e identificação. Assim, o complexo se torna clinicamente relevante quando estas duas saídas são incapazes de produzir uma solução salutar para o indivíduo. Acerca da projeção, é possível afirmar sua aparição clínica quando os conteúdos do complexo aparecem como “[...] não pertencentes ao eu, ou seja, aparecem como qualidades de objetos ou pessoas estranhos e, portanto, projetados” (JACOBI, 2017, p.23).

Como exemplo da via da identificação em relação ao complexo, Jacobi descreve:

Se o complexo está tão pesadamente carregado que atrai o eu consciente para sua esfera de influência, o oprime e o engole, então podemos dizer que ele se tornou mais ou menos autocrata na casa do eu consciente; podemos falar de uma identificação parcial ou total entre o eu e o complexo. Esse fenômeno pode ser claramente observado, por exemplo, em homens que têm um complexo materno, ou mulheres que têm um complexo paterno. Sem que eles o percebam, as palavras, as opiniões, os desejos e as aspirações da

mãe ou do pai tomaram posse de seu eu e o tornaram seu instrumento e porta-voz. (JACOBI, 2017, p.26)

A aplicação clínica mais comum, ao lidar com complexos, consiste em viabilizar, de algum modo, a energia psíquica mobilizada pelo complexo para além dessas duas saídas viciadas.

Dessa forma, segundo Jolande Jacobi (2017), o complexo possui dois tipos de raízes, podendo se basear tanto em eventos da infância quanto em eventos atuais. Além disso, ele tem dois tipos de natureza, pois sua manifestação pode se dar como adoecida ou saudável na psique. Da mesma maneira, possui dois modos de expressão, pois pode ser julgado como positivo ou negativo, a depender da forma pela qual aparece na consciência, possuindo, dessa forma, uma característica bipolar.

As manifestações desses complexos podem ser recorrentes em contexto clínico. Jacobi pontua só ser possível afirmar que um indivíduo possui determinado complexo, uma vez que este passasse de uma qualidade perturbadora potencial para uma atual, assim constelando-o (JACOBI, 2017).

Verena Kast (1997) exemplifica, por meio dos conteúdos produzidos por uma analisanda, representados em uma série de desenhos, como os complexos são constelados e de que maneira afetam a relação do sujeito com seu entorno, em especial os aspectos desse entorno que sirvam de repositórios para o complexo projetado. No caso analisado, trata-se de uma mulher de 41 anos, mãe de três filhos, que foi abusada por seu pai ainda na infância. O complexo paterno é representado em uma série de desenhos reproduzidos pela analisanda, na forma de figuras animais, ocupando grande parte do espaço nas folhas, em especial quando colocadas em contraposição à figura representativa do Eu – uma frágil figura feminina, ocasionalmente aparecendo nua ou desprovida de partes do corpo, como mãos e pés.

O complexo paterno da analisanda se constela, em especial, no aparecimento concreto de seu pai – à época da análise, um homem velho e frágil. No entanto, a analisanda segue vendo nele o homem brutal e explorador de sua infância. Essa mesma maneira de enxergar seu pai é ampliada para outras figuras masculinas, em especial homens de 50-60 anos. Para além da projeção dessa figura aterradora que decorre do complexo paterno, há também a regressão da analisanda ao seu eu fragilizado de menina, vítima do abuso. O resultado é uma relação de desamparo e paralisia que tende ao ciclo vicioso. O papel da psicoterapia passa, então, pela capacidade de mobilização da energia “sequestrada” pelo complexo:

A respeito disso devemos pensar: trabalha-se, na psicoterapia, com a transferência, com essa percepção distorcida da realidade. As constelações de complexos são transferidas para o(a) terapeuta, mas não no sentido de que um complexo é simplesmente transferido: o que se transfere é um padrão de relacionamento, pois cada complexo está em relação com um eu. Quando se compreende esse padrão de relacionamento, compreende-se a criança que sofreu os dolorosos embates com o mundo circundante (KAST, 1997, p. 54).

Ao longo do processo psicoterapêutico, a analisanda ora projeta o complexo paterno na relação transferencial com a analista, ora identifica-se ela própria com o conteúdo emergente do complexo. Uma vez que o complexo pode ser definido como um tipo de personalidade parcial, tomando o lugar ordenador do Eu, isso significa, nesse caso em particular, que a analisanda não só se remete ao papel de vítima ao qual foi submetida e que segue revivendo-o em suas memórias, mas também identificando-se com o papel do agressor, fazendo “[...] a outras pessoas de seu relacionamento o que na infância lhe fizeram as pessoas agentes do complexo” (KAST, 1997, p. 54).

Esses complexos ainda podem ocorrer, em contextos clínicos, na constelação de complexos paternos. Segundo Jacobi (2017) muitas vezes acontecem associações entre uma imagem arquetípica paterna do inconsciente coletivo com um complexo paterno pessoal, vindo à tona através de imagens simbólicas de pais primevos em imagens oníricas ou fantasias. Assim, a autora exemplifica essa possível aparição do complexo pessoal na clínica, demonstrando seu núcleo no inconsciente coletivo:

[...] o problema pai-filho não no nível de culpabilidade individual – por exemplo, com relação a desejos de morte, agressões, anseios de vingança etc. nutridos contra seu pai –, mas como um problema de desprendimento do pai, isto é, de um princípio de consciência dominante, porém não mais adequado para o filho, um problema que diz respeito a todas as pessoas e foi mostrado em mitos e contos de fadas como assassinio do velho rei regente e tomada do trono pelo filho (JACOBI, 2017, p.38).

Acerca do manejo clínico, é importante ressaltar a necessidade da conscientização por parte do analisando acerca do complexo para minimizar seus potenciais efeitos danosos. A conscientização – passando necessariamente por um processamento emocional – tão necessária à resolução do complexo, seria processo imprescindível para que o indivíduo saia do estado de submissão sem vontade ao qual foi imposto e possa entrar em diálogo dialético com o mesmo, elaborando-o e assim

liberando e redistribuindo a energia psíquica nele contida (JACOBI, 2017).

É possível inferir que complexos podem despontar como casos clínicos nos quais ocorre a dissociação “[...] do complexo, por ser dotado de tensão ou energia própria, tem a tendência de formar, também por conta própria, uma pequena personalidade. [...] Comporta-se, enfim, como uma personalidade parcial” (JUNG, 1987, p. 66).

Em última instância, o espaço analítico permite uma expressão consciente e reconhecida dos complexos, de modo que suas expressões inconscientes e mais viscerais, presentes na projeção e identificação, não se apresentem como únicas saídas possíveis. Na produção de expressões desimpedidas do conteúdo arquetípico por trás dos complexos, criam-se possibilidades autorregulatórias da psique, que passa a operar sem a constante força de opressão consciente que decorre do trauma.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Complexos afetivos, como descobertos pelos experimentos e estudos analíticos feitos por Jung, vão muito além de suas respectivas patologias, visto que eles são essenciais para compreensão do dinamismo psíquico. Sem eles a vida psíquica se tornaria estática, motivo esse que justifica o fato de todos possuírem complexos, sendo essa constatação, de uma perspectiva psicológica, absolutamente saudável e natural (WITHMONT, 2010). O papel do analista é essencial no sentido de ajudar o analisado a identificar esses complexos, pois um complexo constelado de forma inconsciente puxa para si uma quantidade enorme de energia psíquica, comprometendo alguns aspectos psíquicos e físicos do paciente.

É nesse contexto que a consciência é tomada por uma força capaz de fragmentá-la e assumir comportamentos inadequados ou muitas vezes autodestrutivos em relação à própria personalidade (JUNG, 2013a). Tais sintomas costumam ser o motivo e o estopim para a procura de um profissional que possa ajudar a lidar com a situação.

Nesse sentido, em um momento de crise, o analista deve empenhar-se em assistir o analisado a diferenciar e separar a “consciência individual” do ego daquela constelada pela força psíquica do complexo. Assim que o estado de identidade com o complexo seja dissolvido, se torna possível a realização da diferenciação, diálogo interno em que os impulsos se tornam conscientes, desenvolvendo seu potencial

positivo (WITHMONT, 2010).

Ao se trabalhar com os complexos, é necessário identificar e separar as camadas do inconsciente individual e do inconsciente coletivo, pois o complexo pode se manifestar nessas duas instâncias. O inconsciente individual tem relação com as experiências e histórias de vida do analisado, já no inconsciente coletivo é a constelação de uma camada impessoal, advinda de um substrato psíquico coletivo. Ou seja, o complexo possui uma raiz (JUNG, 2013a). A análise e interpretação dessas duas instâncias é importante para elas se tornarem compreensivas e aproveitadas ao benefício do analisado.

O objetivo da análise é transformar o impulso em um ímpeto construtivo e útil. Tal esforço deve ser realizado de forma consciente pelo analisado, pois é um processo interno intenso e muitas vezes desconfortável. Diante desse cenário, a ajuda do analista é essencial, principalmente para identificar o núcleo arquetípico dentro das experiências individuais do paciente, possibilitando o acesso ao significado do complexo, que por sua vez é sua fonte de energia psíquica (WITHMONT, 2010).

Em relação ainda à prática analítica, é interessante o pensamento pragmático de que os padrões pessoais indesejados provenientes dos complexos do analisado são manifestações de uma patologia psicológica. As patologias possuem um simbolismo e um significado, muitas vezes, oculto, em relação à vida daquele indivíduo frente às suas experiências e vivências. Dessa forma, achar os significados no inconsciente pessoal e/ou coletivo é de extrema relevância, pois isso, como já mencionado, libera a energia psíquica do complexo. Diante dessa constatação, conclui-se que a solução para efeitos negativos provenientes de complexos afetivos, não são justificados apenas por explicações demasiadamente concretistas, mas também com uma interpretação em nível simbólico que consiga acessar o núcleo do complexo, bem como sua cobertura patológica, libertando o analisado de seus efeitos (WITHMONT, 2010).

Diante desse cenário, Jung nos mostra que é saudável a aceitação do complexo no dinamismo psíquico, tanto pelo potencial de transformação criativo, quanto para impedir os sintomas negativos de uma "possessão" do ego consciente por uma força inconsciente.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1979 (Edição Standart das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. IV).

HALL, Calvin; NORDBY, Vernon. **Introdução à Psicologia Junguiana**. 11 ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

JACOBI, Jolande. **Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C.G. Jung**. Petrópolis: Vozes, 2017.

JUNG, Carl. **Estudos Experimentais**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

JUNG, Carl. **A energia psíquica**. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, Carl. **A vida simbólica**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

JUNG, Carl. **A natureza da psique**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2013a.

JUNG, Carl. **Fundamentos de psicologia analítica**. Petrópolis: Vozes, 1987.

JUNG, Carl. **O livro vermelho**: Liber novus. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

JUNG, Carl. **Psicogênese das doenças mentais**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2013b.

JUNG, Carl. **Símbolos da Transformação**: análise dos prelúdios de uma esquizofrenia. Petrópolis: Vozes, 1986.

JUNG, Carl. **Tipos psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 2013c

KAST, Verena. **A dinâmica dos símbolos**: fundamentos da psicoterapia junguiana. São Paulo: Loyola, 1997.

KAST, Verena. **Filhas de pai, filhos de mãe**: Complexos maternos e paternos e caminhos para a identidade própria. Petrópolis: Vozes, 2022.

KAST, Verena. **Jung e a psicologia profunda**: Um guia de orientação prática. São Paulo: Cultrix, 2019.

MOURA, Vicente de. **Dois casos da prática clínica de Jung**: a história de duas irmãs e a evolução da análise junguiana. Petrópolis: Vozes, 2022.

MORSCHITZKY, Hans; SATOR, Sigrid. **Quando a alma fala através do corpo**: compreender e curar distúrbios psicossomáticos. Petrópolis: Vozes, 2022.

PIERI, Paolo Francesco. **Dicionário junguiano**. São Paulo: Paulus, 2002.

RAMOS, Luís. Apontamentos sobre a psicologia analítica de Carl Gustav Jung. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 4, n. 1, p. 110-144, 2002. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/616/631>. Acesso em: 29 out 2022.

SILVEIRA, Nise da. **Jung**: vida e obra. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1981.

WITHMONT, Edward. **A Busca do Símbolo**: conceitos básicos de psicologia analítica. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 2010.